

29/10/74 - TERÇA-FEIRA - Manhã

Presidente de Mesa - Prof. Dr. José Carlos

Vice - Presidente - Prof. Renato M. B. Sabatini

8,00 horas

III MÉTODO PARA DEFINIÇÃO DE UM CATÁLOGO COMPORTAMENTAL

Risali Alves, J. M. M., Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Quando, ao usar o método de observação se adota o enfoque etológico, o primeiro passo que deve ser dado é o da construção de um catálogo, que de maneira exaustiva descreva o comportamento dos sujeitos; tal catálogo deve ser amplo, composto de unidades comportamentais moleculares, definidas de maneira objetiva.

A construção desse catálogo do repertório comportamental dos sujeitos deve ser feita tendo por base um levantamento de tudo o que ocorre, como ocorre, baseando-se num contato prolongado com os sujeitos e na análise minuciosa dos registros de observação. (dos sujeitos).

O presente estudo teve por fim definir um catálogo de repertório comportamental de mães e nenês interagindo em situações de refeição; ao longo desse estudo se desenvolveu um método que propõe uma sequência de passos para se definir tal catálogo.

1º PASSO

Observações:- foram observados oito pares mãe-criança, durante uma das papas sólidas do nenê, quando esses nenês tinham idade variando entre 2 meses e meio, e seis meses e meio.

Foram realizadas ao todo 40 (quarenta) sessões de observação, com registro contínuo em unidades de tempo de um minuto.

2º PASSO

Sequência de itens na análise dos protocolos:-

a) Levantamento: retirada de todas as unidades comportamentais descritivas do comportamento da mãe e da criança, separadamente de todos os protocolos.

b) Descrição: 1) descrição de cada unidade comportamental por 3 juízes. 2) agrupamento das unidades segundo o verbo comum usado para indicar a ação da mãe e da criança. 3) exclusão dos verbos indiativos de ações pouco específicas.

c) Definição: Definição final de cada unidade comportamental, descrevendo especificamente os movimentos unificados na ação

Estudo do comportamento

(verbo), duração dos movimentos, duração do comportamento; médias.

d) Codificação: estabelecimento de sinais e letras designativos de cada unidade comportamental.

Usando esse método foram definidas 136 unidades comportamentais descritivas do comportamento da mãe e 145 unidades comportamentais descritivas do comportamento da criança, referentes à situação de refeição.

FO PASSO

Convenções:- foram, a seguir, estabelecidas 5 convenções e 3 prioridades para o uso desse catálogo codificado.

8,30 horas

CÁLCULOS DE ACORDO PARA VÁRIOS ASPECTOS DE UM PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO.

Ricardi Alves, Z. M. H., Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Nos estudos observacionais aparece o problema de fidedignidade dos dados obtidos, uma vez que toda análise desses estudos é baseada numa coleta de dados feita por um observador humano. Torna-se necessário, então, expressar a fidedignidade do registro, e a maneira mais comum é o cálculo de acordo entre observadores, sendo que a maioria dos trabalhos realiza esse cálculo apenas para a frequência total de comportamento. Nesse estudo o que se processou evidenciou, portanto, foi que os cálculos de proporção de acordo (segundo as fórmulas $\frac{E}{E+D}$ e a proposta por Bijou et al, 1969.

$\frac{E}{E + D}$ acordos x100) podem ser usadas para se expressar diferentes aspectos da fidedignidade de um protocolo de observação.

1) Coleta de dados: Foi feita a observação de um par M-C, por 4 observadores, ao longo de 3 meses (idade do bebê variando entre tres meses e meio e seis meses e meio) compreendendo 20 sessões de observação, feitas em registro contínuo, em código (segundo o catálogo comportamental definido por Alves, 1973) e segundo unidades de tempo de 10 segundos.

2) Análise dos dados: Através do cálculo de acordo entre 4 observadores (tomados 2 a 2) segundo proporção de concordância foram analisados os seguintes aspectos de fidedignidade nesses protocolos:

Estudo do comportamento

1) frequência total de unidades comportamentais registradas durante a sessão; 2) e 3) frequência total registrada de unidades comportamentais referentes à mãe e à criança separadamente; 4) e 5) acordo quanto à variedade de conteúdo registrado (nº de tipos de unidades comportamentais) separadamente para a mãe e para a criança; 8) e 9) acordo quanto à frequência de cada conteúdo registrado, separadamente para a mãe e para a criança, 10) acordo quanto à sequência de registro; 11) estudo da evolução dos índices de acordo para unidades comportamentais específicas. O que esse estudo revelou foi que: a) o acordo só para frequência geral de ocorrência é ilusório, e que a medida que se analisa a fidedignidade sob outros aspectos aparecem oscilações quanto aos índices que se obtém b) o cálculo de acordo para unidades comportamentais específicas revela os pontos mais problemáticos do catálogo.

9,00 horas

UM MÉTODO QUANTITATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DO ETOGRAMA EM ESTUDOS DE OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA DO COMPORTAMENTO

Sabbaghi, R. M. E., Laboratório de Neuroetologia, Departamento de Fisiologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP. (*)

Estudo do comportamento

De modo a tornar mais preciso e objetivo o difícil processo inicial de todo estudo de observação sistemática do comportamento, desenvolveu-se neste laboratório uma metodologia quantitativa para a construção e validação do catálogo das unidades comportamentais que compõe o repertório dos sujeitos de estudo em uma dada situação. Esta metodologia consiste na repetição de um conjunto de procedimentos, que, simultaneamente, treinam os observadores envolvidos, avaliam a fidedignidade do método de observação e permitem a modificação objetiva do catálogo, com respeito a número e tipos de itens, critérios absolutos e diferenciais, definições, etc. As interações são terminadas ao se atingirem os índices mínimos de fidedignidade determinados previamente.

Após ter sido levantado um catálogo básico, pela observação qualitativa dos sujeitos na situação de estudo (suposta como previamente padronizada) e ter sido realizado o treinamento dos observadores, passa-se às interações, cada uma delas consistindo no seguinte: a) Observação sistemática de várias seqüências comportamentais (ao vivo, gravadas em vídeo ou filme, ou encenadas), por dois observadores utilizando a versão anterior do catálogo. b) Transcrição e comparação entre os registros de cada observador para cada sessão. Em caso de seqüências preservadas em vídeo ou filme, pode-se fazer também a comparação entre os registros do mesmo e de diferen-

tos observadores em diferentes ocasiões. c) Construção de uma matriz bidimensional onde cada casela contém a frequência com que o item i do primeiro registro coincidiu com o item j do segundo registro; acumuladamente para todas as sessões. A partir desta matriz calculam-se índices de fidedignidade, observabilidade, etc., para cada item e para o total. d) Se os índices ainda não atingiram o critério, a matriz é examinada por um conjunto de técnicas matemáticas e lógicas, que permitem identificar objetivamente as causas prováveis de discordância e omissão para cada item, permitindo portanto a modificação do catálogo e método de observação, e seu teste por uma nova iteração.

Uma série de programas em FORTRAN está sendo preparada para a execução automática dos passos de comparação, construção da matriz e cálculos, e diagnóstico de erros. Esta metodologia tem sido utilizada com sucesso em estudos de observação do comportamento de gatos, e de ratos albinos em situação social (Lucion, Ribeiro de Almeida e Sabbatini, 1974, nesta Reunião).

(*) Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (71/450) e Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (SC-681/72 e SC-616/73).

9,30 horas

METODOLOGIA ETOLÓGICA PARA O ESTUDO QUANTITATIVO DO COMPORTAMENTO DO RATO ALBINO EM SITUAÇÃO SOCIAL

Lucion, A. B., Ribeiro de Almeida, A. e Sabbatini, R. M. E., Laboratório de Neuroetologia, Departamento de Fisiologia, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP e Laboratório de Psicologia Social, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. *

O presente trabalho tem por objetivo desenvolver uma metodologia sistemática para a descrição e análise quantitativa do comportamento do rato albino em situação social. Esta metodologia abrange: a) Padronização de um ambiente, composição da colônia e técnicas para seu estabelecimento, método de amostragem das observações, etc. b) Construção de um catálogo dos atos e posturas comportamentais desta espécie na situação padronizada, c) Técnicas de observação, registro, transcrição e análise do comportamento.

Para a construção do catálogo, foram feitas observações qualitativas em 7 colônias, a partir de uma descrição básica do comportamento social de ratos fornecida por Grant e Mackintosh (1962)

animal

e Barnett (1958). Os sujeitos de cada colônia (3 machos e 2 fêmeas esterilizadas por ligação dos cornos uterinos, todos albinos Wistar de 90 dias) foram introduzidos no ambiente experimental (caixa de 70 x 70 x 40 cm, com frente de vidro e chão com serragem, com água e comida, e material para roer e construção de ninhos) na seguinte ordem: o macho mais pesado e as duas fêmeas primeiro, e 24 hs após os machos restantes. As caixas contendo as colônias ficaram em uma câmara isolada acusticamente, ventilada, e com ciclo claro-escuro controlado (10 x 14 hs). As sessões de observação (20 a 25 min cada) foram distribuídas ao longo de 8 horas, a partir do ciclo escuro, sendo registradas em fitas de áudio ou anotadas qualitativamente em protocolos.

O catálogo desenvolvido consta atualmente de 69 atos e posturas, não agrupados em categorias, observados em todos os animais das colônias, e procurando abranger todos os tipos de padrões observados. Cada item é definido em termos de postura, movimento principal e acessórios, e foco de atuação, procurando-se ressaltar as características que melhor identificam ou diferenciam este item. A validação deste catálogo e da metodologia de observação está sendo feita através de um processo iterativo desenvolvido por Sabbatini (1974, nesta Reunião).

- * Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Biol. 74/196) e Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (SC-616/73)

10,00 horas - Intervalo

10,20 horas

TERMOQUINESE E ACLIMATAÇÃO NO PEIXE ELÉTRICO GYMNOTUS

Pimentel de Souza, F, e Roselli Cruz, A. *, Departamento de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Ciências Biológicas, UFPA **.

Animais aquáticos sem manto protetor, ganham ou perdem calor por condução térmica. Uma vez modificada a temperatura do micro-clima ambiente, eles dispõem de duas opções: ou procuram outra temperatura mais conveniente ou vão sofrer as adaptações térmicas. A busca de uma temperatura preferida (termoquinese) é função do valor da temperatura prévia de aclimação. Fisher e Elson (1950) encontraram para a truta e salmão uma distribuição quase gaussiana da temperatura preferida com valores modais de 14 e

- 7 - animal

10° C. respectivamente, adaptados à 4° C. Temperaturas de aclimação crescentes desenvolveriam uma reação neuro-endócrina compensatória (Hoar, 1955), afetando a temperatura preferida.

O GYMNOTUS, peixe elétrico de baixa descarga, era aclimatado à 26 e 30° C num aquário de 45 x 45 x 50 cm. Foi estabelecido um gradiente térmico. Circulou-se água por meio de bombas termostáticas que mantinham 33° C em cima, 16° C em baixo, e a curva de correspondência com a profundidade foi medida.

Foram feitas 3 séries de 5 sessões de 3 horas de experiências com 5 sujeitos, com leituras de 5 em 5 minutos a partir do início da circulação da água na serpentina. Na primeira série (S1) o animal tinha alimentação até a saciedade, na segunda série (S2) a ração era controlada e na terceira (S3) a temperatura foi aumentada para 30° C. As temperaturas preferidas foram, para S1 - 24,371° C ($\pm 0,014^{\circ}$ C), para S2 - 24,199° C ($\pm 0,010^{\circ}$ C) e para S3 - 24,8130C ($\pm 0,005^{\circ}$ C). Vê-se que o GYMNOTUS é capaz de manter uma compensação térmica e que a alimentação poderá influir. Observa-se muitas vezes uma significativa dispersão do grupo de GYMNOTUS na proporção do seu desvio da temperatura preferida

* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas

** Pesquisa realizada com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisas

10,50 horas

ANÁLISE DE POSTURA E LOCALIZAÇÃO DE UMA ESPÉCIE DE CARAUJO, Biomphalaria glabrata

Fernandes de Souza, N., Torres Schall, V., Pimentel de Souza, F., Roselli Cruz, A.* e Simal Rodrigues, C. J.**, Departamento de Fisiologia e Biofísica do Instituto de Ciências Biológicas, UFMG***.

animal

A Biomphalaria glabrata é um caramujo hospedeiro intermediário na transmissão do parasito Shistosoma mansoni. O conhecimento do comportamento desse caramujo poderá ser fundamental para desenvolver técnicas de combate à esquistossomose.

A postura e a localização da Biomphalaria glabrata foram observadas numa amostra de 14 sujeitos, colocados num aquário deacrílico de 45 x 45 x 50 cm. A água tinha um nível de 17 cm e era borbulhada continuamente. A alimentação era dada entre 10 hs e 10 hs e 30 min, diariamente, à exceção de domingo.

A análise da inclinação da concha com o plano verti

cal revela um ângulo preferencial de $\pm 15^\circ$ para a esquerda, ao passo que o plano da concha com o eixo longitudinal indica uma preferência para o ângulo de 15° para a direita. À tarde, o animal, sem receber estímulos mecânicos, nesse período do ano é encontrado mais vezes totalmente fora da concha. Quanto à sua distribuição de localização, há mais frequência no fundo do aquário embora muitos se localizem na superfície ou nas paredes. Parece que sua localização na superfície está mais dependente da maior intensidade de iluminação (entre 0,4 a 0,2 lux) do que a maior intensidade de temperatura ambiente (entre 22 e 24° C).

* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas

** Monitor pelo MEC - UFMG

*** Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisas

11,20 horas

A CAÇA DA ARANHA ARGIOPE ARGENTATA NA AUSÊNCIA DE MEDIAÇÃO DA TEIA
Ades, C., Departamento de Psicologia Experimental, Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo

Para aranhas tecedoras de redes geométricas, a teia parece ser o meio indispensável para a ocorrência da caça. A sequência da predação tem geralmente por origem o impacto de um inseto (a belha, gafanhoto, borboleta...) na zona viscosa da teia. Os movimentos do animal preso se traduzem por distorções dos fios que atingem a aranha e levam a orientar-se, iniciando a caça. Não seria portanto incorreto afirmar que, normalmente, a aranha reage, não ao próprio inseto, mas à maneira como a teia lhe apresenta a agitação deste.

Com a aranha orbitela Argiope Argentata, realizamos uma série de quatro observações que parecem demonstrar que a teia não é sempre indispensável, como elemento mediador para o desencadeamento da caça.

Na primeira observação (30 registros com 26 aranhas) apresentamos à aranha, em repouso no centro de sua teia, uma mosca presa pela ponta da asa e em movimento, de tal maneira que o inseto tocasse a face dorsal de uma das patas, mas não transmitisse diretamente a sua vibração aos fios de seda. Em 27 casos (90%) foram observadas reações perfeitamente caracterizadas de início de caça (orientação). Em 26 casos, as aranhas conseguiram prender o inseto

o larver diante a segurança até a fase de ingestão. Nos casos restantes, foram constatadas as reações de fuga.

Na segunda observação (13 aranhas), verificou-se que a mosca é atraída por um fio fino numa das asas - dotadas, portanto de uma certa liberdade de movimento - provocavam quando apresentadas no dorso das aranhas, uma rápida orientação com preensão. As capturas foram bem sucedidas em todos os casos.

Na terceira observação (15 aranhas), as moscas presas pela asa eram introduzidas por um rombo feito no nêlo da teia. O seu corpo em movimento atingia os palpos, a região ventral do cefalotórax e a parte proximal das patas. Após um sobressalto inicial, a mosca exibiu orientação (pois o inseto já estava praticamente na altura de sua boca), todas as aranhas flexionaram as patas e capturaram a presa.

As tres primeiras observações, realizadas com a aranha na teia, poderiam suscitar a seguinte dúvida: não poderiam as vibrações da mosca ter atingido, através de pequenos deslocamentos de ar, a rede de fios? Neste caso, a teia ainda serviria de mediadora para os estímulos desencadeadores. Na quarta observação (10 aranhas) o controle dos fatores da teia foi total: as aranhas foram retiradas de sua teia e levadas a assumir uma posição invertida, com as costas no chão e as patas para cima. A mosca viva era então justaposta à região dos palpos e do cefalotórax, como na terceira observação. Em 9 casos, houve preensão e mordida da presa.

A aranha Argiope argentata reage portanto a estímulos provenientes de uma presa colocada em contacto direto com o seu corpo com respostas de caça. Assemelha-se, neste aspecto, a certas aranhas (Ixosidae) que não tecem teia e que dependem, para a iniciação de seu comportamento de predação, de sinais de contacto (quando controlados os indicadores visuais).

11,50 horas - DISCUSSÃO

I N T E R V A L O

29/10/74 - TERÇA-FEIRA - Tarde

Presidente de Mesa - Dra. Theresza Lemos F. Fettel

Vice - Presidente - Dra. Margarida H. Windholz

AVISO: Estão abertas na Secretaria, as inscrições para a mesa redonda de "comunicações especiais em modificação de comportamento e Carta Informativa". (Somente para profissionais e alunos do 5º ano)

14,00 horas

EVOLUÇÃO DE SEQUÊNCIA DE INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA, DOS DOIS AOS SEIS MESES DE IDADE DO MENINO

Biasoli Alves, Z. M.M., Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Baseado na perspectiva de que durante o primeiro ano de vida da criança existe a formação e a evolução de padrões de interação com a mãe, se propôs este estudo, visando descrever e analisar padrões comportamentais do pai (M-C), em interação, e descrever e analisar a evolução de seqüências de interação estabelecidas por ele nos seis primeiros meses de vida do nenô.

a) Coleta de dados: Foram observados seis pares Mãe-Criança, ao longo de 4 meses (dos dois aos seis meses de idade dos menês) compondo 4 etapas: 1ª - aos dois meses sendo 4 observações da para do jantar; 2ª - aos 3 meses, sendo 2 observações da para do jantar e três da de lanche; 3ª - aos 4 meses, sendo 2 observações do jantar e 3 da de almoço; 4ª - aos 6 meses, sendo 2 observações do jantar, 2 do lanche e 2 de almoço. Ao todo foram feitas 20 sessões de observações com cada par M-C, com registro contínuo, detalhado, dividido em unidades de tempo de 10 segundos e usando as convenções elaboradas em estudos anteriores.

b) Os dados obtidos foram submetidos a várias análises: taxa de aparecimento de determinados comportamentos, proporção de tempo gasto em diferentes momentos da refeição e seqüência de comportamento verbal e todo o comportamento registrado (segundo o modelo da Bobbitt et al, 1969).

c) Resultados: A análise de seqüência permitiu analisar a interação mãe-criança e mostrar que a descrição que o modelo didático de interação propõe é muito mais próximo daquilo que ocorre com o par, levando a se afirmar que mãe e criança formam um sistema e nesse sistema o comportamento de cada elemento é frequentemente estímulo para o do outro. Em geral, as diversas análises, mas principalmente as de seqüência, mostram que: a) Os pares M-C, tendem a manter um padrão comportamental e da interação ao longo do período observado, mas com algumas variações. b) Cada par M-C compõe um padrão que lhe é peculiar. c) Esse padrão envolve um modelo didático em que M-S-C e C-S-M. d) A evolução desse padrão no período observado indica uma

restrição, pela diminuição do número das serenidades significantes que o compõem, a cada etapa.

14,30 horas

MÉTODOS DE ANÁLISES PARA PROTOCOLOS DE INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA

Amândeo Barreiro, L* - Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

estudo do comportamento

Ao estudar os interações, frequentemente nos deparamos com o problema de saber quais tipos de análise aplicar aos dados ou quais tipos fornecem informações mais significantes sobre esse processo.

Este estudo teve por objetivo propor diferentes modelos de análise para serem aplicadas a dados de interação mãe-criança. Utilizamos os registros dos comportamentos verbais, obtidos em estudo longitudinal, realizado por Alves (1973), no qual foram observadas mães e crianças, interagindo em uma situação de refeição, em diferentes idades das crianças (aos 2, 3, 4 e 6 meses). Nos seus dados foram aplicados alguns tipos de análise:

1 - taxa médio das frases faladas pela mãe - Objetivo: verificar se, de acordo com a idade, havia uma variação no número médio de palavras utilizadas, em cada frase, pela mãe ao falar com a criança. Encontramos uma evolução neste número, da 1ª para a 3ª etapa (dos 2 para os 4 meses).

2 - número médio de sons em cada intervalo (10 seg) - Objetivo: verificar se este número variava de acordo com as etapas. Encontramos uma evolução no número médio de sons, da 1ª para a 3ª etapa.

3 - probabilidade de respostas independentes - Objetivo: verificar se a probabilidade de ocorrência de mãe fala com a criança e criança emite som era ou não, a mesma de uma etapa para outra.

Encontramos que a probabilidade de ocorrência desses dois comportamentos não é a mesma.

4 - Proporções de comportamento verbal da mãe (lflc, lch, lso) em relação à criança e comportamento verbal da criança (so, ho, hr) - Objetivo: estabelecer um confronto entre a evolução de determinados comportamentos verbais da mãe, em relação à criança e emissão de comportamento verbal pela criança, em cada etapa. a) Encontramos correspondência entre mãe fala com a criança e criança emite som,

ou seja, a proporção de um aumento a do outro também. b) Encontramos na maioria das vezes, correspondência entre o comportamento verbal da mãe (lflc, lso, lch) e o da criança (so, ho, hg). c) Encontramos na maioria das etapas, correspondência entre o comportamento verbal da mãe (lflc, lch, lso) e o da criança (so, ho, hg).

Todos os modelos aplicados até esse momento se mostraram portanto úteis para a avaliação de aspectos de interação verbal do par M-C.

* Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Bolsa de iniciação, Proc.14 - Psicologia - 74/322)

15,00 horas

PROGRAMAÇÃO E TREINAMENTO DE HABILIDADES BÁSICAS

Windholz, M.A. e Andrade, M.G. - Departamento de Psicologia Experimental - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Intervenção

Dentre um programa amplo de modificação de comportamento em um instituto para crianças excepcionais profundas, aspectos relativos a programação e treino de alimentação, de eliminação, de banho, de lavar as mãos, de escovar os dentes, de vestir e despir, são apresentados e discutidos.

O treino é realizado em uma instituição particular, com um grupo de 20 crianças, cuja idade varia de 5 a 18 anos, com diagnósticos variados (etiologias genéticas, neurológicas, etc.).

As aplicadoras dos treinos são professoras e auxiliares que trabalham na própria instituição, em regime de tempo parcial ou integral. A tarefa das aplicadoras consiste em executar programas específicos de cada treino (planejados pela psicóloga) e registrar os treinos (usando folhas de registro específicas de cada treino).

Alguns treinos são executados diariamente, outros de 2 a 3 vezes por semana.

As categorias de comportamento incluídas em cada treino foram listadas e sequenciadas após observações realizadas com a amostra em questão e analisadas durante discussões da psicóloga com as aplicadoras.

Os diversos treinos foram iniciados em épocas diferentes. O treino de eliminação começou a ser registrado sistematicamente no início de 1972, com algumas crianças. Os demais treinos estão sendo registrados desde início de 1974.

Os tipos de sequências e registros variam em função

de características pessoais de alguns sujeitos e da etapa do treino específico.

As folhas são analisadas e discutidas semanalmente pela psicóloga com a aplicadora e avaliadas quantitativamente no final do mes.

Os procedimentos variam em função de cada treino e da criança, dependendo da etapa em que a mesma se encontra.

Os critérios de registro foram pré-estabelecidos pela psicóloga, discutidos com as professoras e intermitentemente checados (através de observações em dupla: professora e psicóloga).

Algumas discussões a partir dessa programação dizem respeito a:

- Uso de professores e auxiliares na aplicação e registro de treinos de AVD.
- Sequencição e listagem de comportamentos referentes a atividades de vida diária.
- Critérios específicos de registros.
- Análise de resultados obtidos.

15,30 horas

ADAPTAÇÃO DE TÉCNICAS DE MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO NA TERAPIA DA CONDUITA AUTO-DESTRUTIVA DE UMA CRIANÇA DE QUATRO ANOS E SETE MESES.

Alvina, M.A., Ribas, M.A. e Souza e Silva, S** - Hospital dos Servidores da União - Brasília.

intervenção

O presente trabalho mostra como é possível adaptar -se técnicas de modificação de comportamento, que usualmente envolvem aparelhagem e instalações altamente sofisticadas, à precariedade de recursos de nossos hospitais, nos quais a possibilidade de institucionalização, onde se possa contar com o auxílio de "staff" treinado para a aplicação de tais técnicas, é inexistente.

A terapia foi realizada no Hospital dos Servidores da União (D.F.), tendo como sujeito uma criança com 4 anos e 7 meses no início do treinamento.

A criança em questão foi encaminhada ao Serviço de Psicologia do referido hospital, depois de haver passado por serviços de psiquiatria e neurologia de outros hospitais públicos, tendo já uma história de cerca de dois anos de tratamentos diversos.

Foram constatados, através de observações em ambiente natural e clínico e pelo relato dos pais, os seguintes comportamentos desajustados:

- a) Comportamento de cabecear em paredes, quinas de móveis, chão, . . .

meio-fio, danificando-se fisicamente.

b) Comportamento de correr para a rua e jogar-se em frente aos carros.

c) Outros comportamentos que envolviam danos físicos.

d) Verbalizações sobre suicídio.

Foram gastas 188 horas na terapia, que constou de programações adaptadas às condições vigentes e que envolviam linha-base, esquemas de reforçamento, "time-out", punição, desvanecimento, além de treinamento dos pais e demais familiares no uso das técnicas utilizadas.

Conseguiu-se que as taxas dos comportamentos desajustados alcançassem zero, mantendo-se estáveis; aquisição de novas respostas com conseqüente aumento do repertório do sujeito e que a família emitisse respostas adequadas ao controle comportamental.

Os resultados indicam que é possível efetuar uma terapia para modificação de comportamentos da ordem dos descritos, com crianças não institucionalizadas, fazendo-se uso dos estímulos do seu próprio ambiente. Mostra ainda, que a família pode ser treinada, com êxito, a extinguir comportamentos desajustados, com a vantagem de não retirar o paciente de seu meio social evitando, desta forma, possíveis problemas de adaptação ao ambiente natural, após o internamento.

* Alunos do Curso de Psicologia da Universidade de Brasília, e estagiários do Hospital dos Servidores da União (H.S.U.)-Brasília

** Psicólogo do Hospital dos Servidores da União (H.S.U.)-Brasília

16,00 - Intervalo

29/10/74 - TERÇA-FEIRA - Tarde

16,20 horas

MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO DE UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA DE "COORDENAÇÃO MANUAL".

Gontijo, J.A.; Cota Guimarães, A.M.; Soares da Cunha, L.G.; e Lopes de Oliveira, M.H. - Psicologia Preventiva e Terapia Comportamental - Belo Horizonte, M.G.

Uma modificação no comportamento de escrita foi realizado com uma criança, durante cinco meses, com duas sessões por semana de 1 hora, na clínica. O sujeito era uma criança de 6 anos, matriculada no pré-primário, apresentando uma má coordenação

intervenção

usual verificada em testes e observação do comportamento de escrita acompanhada de comportamento de fuga da sala de aula e de situações que envolviam material de escrita. Foi usado o modelo de treino de escrita de Hesta (1972), como procedimento básico, juntamente com exercícios de relaxamento e de coordenação motora. Ao final do primeiro mês S começou a brincar com lápis e papel em casa e entrava sorrindo na sala de aula. Ao final do tratamento S apresentava o comportamento de escrita apropriado para crianças de primeira série de 1º grau. Dois meses depois do final do tratamento, verificou-se que S continuava com os comportamentos descritos acima:

16,50 horas

TREINO DE ESCRITA EM JOVEM PARAPLÉGICO

Cata Guimarães, A.M.; Fanches, M.C.C. e Gontijo, J.A. - Psicologia Preventiva e Terapia Comportamental - Belo Horizonte-MG

intervenções

Um treino de escrita cursiva está sendo realizado com um jovem com lesão cerebral grave (não fica em pé e incoordenação geral dos membros superiores), de 14 anos de idade, que escrevia apenas seu nome de uma forma muito pouco legível e de tamanho bastante grande e irregular, com letra de imprensa. Escrevia 1,7 letras em 1 minuto, e demonstrava grande desinteresse pela escrita. Desde os 6 anos frequentava escolas especializadas e por duas vezes teve professora particular. Apresentava os seguintes comportamentos acadêmicos antes de iniciado o programa: leitura e compreensão, conhecimento de leitura em nível de 7ª série do 1º grau; conhecimento de regras de gramática, nível de 3ª série do 1º grau; matemática, nível 7º período pré-escolar e escrita em nível de 2º período pré-escolar. Na escola, apresentava comportamento de se retirar da sala de aula, recusa em realizar as atividades indicadas pela professora e comportamentos disruptivos em geral. Foi usado o modelo de treino de escrita de Hesta (1972) como procedimento básico. O reforçamento foi feito pelo sistema de fichas e reforço social. Ao fim de 4 meses, S já escrevia regularmente, dentro de um limite de 10mm, 8 letras por minuto, escrevendo ininterruptamente. Apresenta também o comportamento de escrita espontânea.

17,20 horas

EFEITOS DO TREINO E DO REFORÇO EM TRÊS DIMENSÕES DA CRIATIVIDADE

Titeliano Guimarães, S.S. - Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Ciências, Letras e Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais

O objetivo desta pesquisa foi estudar o efeito de dois tipos de treino exploratório (tátil e visual), com e sem reforço, sobre três dimensões da criatividade: fluência, originalidade e flexibilidade.

Serviram como sujeitos 30 crianças do sexo feminino, com idade variando de 9 anos e 4 meses à 11 anos e 3 meses, sorteadas equiprobabilisticamente, sem reposição, da população de alunos do quarto ano primário de um estabelecimento de ensino particular. Através desse sorteio, os sujeitos foram divididos em cinco grupos, com seis elementos cada um, sendo um grupo de controle (GC) e quatro grupos experimentais que receberam as seguintes designações e siglas variando em função do tipo de treino (tátil ou visual) a que foram submetidos e do emprego ou não de reforçamento social: Grupo Tátil (GT), Grupo Tátil com R-ferço (GTR), Grupo Visual (GV) e Grupo Visual com Reforço (GVR).

Os cinco grupos passaram primeiramente pelo pré-teste e, após um intervalo de tempo pelo pós-teste. Entre a aplicação do pré e do pós-teste, os grupos experimentais foram submetidos a um processo de treinamento que consistiu na exploração tátil ou visual de objetos e na enumeração de vários usos para estes objetos. Foram usados com estímulos reforçadores oito expressões verbais que foram aplicadas num esquema de reforçamento contínuo.

Os dados foram tratados estatisticamente através da prova de Wilcoxon e Wilcox (1964), caso I.A., "The Wilcoxon Signed Rank Test", caso II e a correlação de postos de Spearman (Siegel, 1956).

Os resultados obtidos mostraram que as dimensões mais afetadas pelo procedimento de treino foram fluência e flexibilidade, especificamente no caso dos grupos que receberam treino tátil, com e sem reforço, e no caso do grupo que recebeu treino visual, com reforço. Além disso, foram feitas análises correlacionais entre as dimensões e entre os dados do pré e pós-testes.

17,50 horas - Discussão

29/10/74 - TERÇA-FEIRA- NOITE

20,00 horas - Concerto, Beatriz Balzi - Pianista

Promoção: Pró-Música e Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto.

Local: Capela da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

OBSERVAÇÃO- Inscrição e Programa do Concerto na Secretaria. /

30/10/74 - QUARTA-FEIRA - MANHÃ

Presidente da Mesa - Dra. Maria Tereza Araújo e Silva

Vice-Presidente - Dr. Frederico G. Groeff

8,00 horas

CORRELATOS ELETROCORTICAIS PRÉ-FRONTAIS DA POSIÇÃO DO ESTÍMULO DURANTE A REALIZAÇÃO DE UMA TAREFA DE RESPOSTA RETARDADA, EM MACACOS - (M. SPECIOSA)

Gadotti, A. - Departamento de Psicologia - Universidade Estadual de Londrina - Londrina-PR

animal

Quatro macacos, com eletrodos não-polarizáveis transcorticais, cronicamente implantados no córtex pré-frontal, pré-central e occipital e, também, subcutaneamente, em volta dos olhos, foram treinados numa tarefa de resposta retardada (Delayed Response - DR) que exigia a memorização transiente da posição do estímulo à direita ou à esquerda do painel de respostas. Durante sessões de 120 tentativas, nas quais o estímulo era apresentado em igual número de vezes à direita e à esquerda, de acordo com uma sequência aleatória, registraram-se os electrocorticogramas (EEG) e os eletro-oculogramas (EOGs) com amplificadores DC. Os dados foram gravados numa fita magnética FM e, posteriormente, fizeram-se as médias desses dados por meio de um Computador Digital PDP-12A, programado para separar as tentativas em que o estímulo era apresentado à direita daquelas em que o estímulo aparecia à esquerda. Os resultados mostram que apenas a amplitude dos potenciais superficiais provocados (PEP), registrados no córtex pré-frontal, relacionava-se com a posição do estímulo. As amplitudes dos PEPs médios do córtex pré-frontal esquerdo eram consistentemente maiores quando o estímulo aparecia à direita, ao passo que os PEPs do pré-frontal direito eram quando o estímulo era apresentado à esquerda. Não foram observadas diferenças sistemáticas nos potenciais provocados no córtex pré-central e occipital quando da apresentação do estímulo. Os EOGs médios revelaram que os movimentos laterais dos olhos estavam associados à apresentação do estímulo numa ou na outra posição e esses movimentos coincidiam com o PEP. Estes resultados são consistentes com a descoberta de que os neurônios pré-frontais têm campos receptivos visuais contralaterais e que alguns desses neurônios são ativados durante os movimentos sacádicos dos olhos. Os dados coligidos sugerem que os mecanismos neurais pré-frontais envolvidos no controle oculomotor podem subservir funções mnemônicas transientes.

8,30 horas - SESSÃO PARALELA

COMUNICAÇÕES ESPECIAIS EM MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO E CARTA INFORMATIVA

Presidente - Dr. Isaias Penótti

Para esta sessão, serão aceitos somente os participantes profissionais e alunos do último ano do curso de Psicólogo (5º ano). Os interessados devem fazer a inscrição na Secretaria durante a Terça-Feira.

Convidados Especiais - Dra. Thereza Lemos P. Mettel

Dra. Margarida H. Wendholz

Dr. Luiz Otávio Seixas Queiroz

Dra. Rachel R. Kerbauy

Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli Alves

Profª Vera L. Otero

8,30 horas

DIFERENÇAS FUNCIONAIS INTER-HEMISFÉRICAS NO CORTEX PRÉ-FRONTAL DE MACACOS (M. SPECIOSA)

Gadotti, A. - Departamento de Psicologia - Universidade Estadual de Londrina - PR *animal*

Eletrodos não-polarizáveis foram implantados no córtex pré-frontal, pré-central e occipital de oito macacos. Estes foram treinados numa tarefa de resposta retardada (Delayed Response = DR), com um intervalo de 8 seg entre o estímulo e a resposta, enquanto se registravam os potenciais corticais. Os macacos foram divididos em três grupos: um grupo foi treinado, inicialmente, com a mão direita (enquanto que a esquerda era presa à cadeira); o outro, com a mão esquerda e o terceiro grupo, com a mão direita e a mão esquerda em dias alternados. Foram feitos testes de transferência intermanual. Ocorreram alterações nos potenciais estáveis médios (SP) no córtex pré-frontal, durante a apresentação do estímulo e na porção inicial do intervalo de 8 seg; e no córtex pré-central, durante a resposta de escolha. A avaliação das magnitudes das alterações dos potenciais mostram que: o treinamento com uma mão apenas produziu maiores alterações dos potenciais nas áreas pré-frontal e pré-central contralaterais à mão que respondia; no treino com as mãos alternadas, produziram-se alterações do SP um pouco maiores no hemisfério direito; a transferência intermanual teve efeitos marcantes nas alterações dos SP das áreas pré-centrais, apresentando maiores amplitudes

no hemisfério contralateral à mão que respondia; seus efeitos sobre os SP pré-frontais foram, porém, reduzidos; quando os sujeitos do terceiro grupo foram, posteriormente, treinados com apenas uma das mãos, maiores alterações dos SP ocorreram na área pré-frontal contralateral à mão que respondia, ao passo que as alterações dos SP diminuíram na área pré-frontal ipsilateral; e adicionais testes de transferência intermanual não tiveram efeitos sobre as magnitudes dos SP de ambas as áreas pré-frontais. Estes dados sugerem uma dissociação nas funções hemisféricas entre as áreas corticais pré-frontal e pré-central, sendo que a primeira estaria implicada na mediação de processos mnemônicos, principalmente, num dos hemisférios, e a segunda, na organização motora do membro contralateral. Esta especialização hemisférica é afetada pelo treinamento das mãos; porém, outros fatores endógenos e experimentais podem estar envolvidos.

9,00 horas

DROGAS DE AÇÃO CENTRAL: EFEITO SOBRE A DEFECAÇÃO EM AMBIENTE FAMILIAR E NO TESTE DO CAMPO-ABERTO

Silva, M. Teresa, A.*

animal

O objetivo deste estudo foi relacionar a defecação de ratos na situação do campo-aberto, testes às vezes usado em psicofarmacologia, com a defecação de animais em suas próprias gaiolas-viveiro, após a administração de drogas. Nos experimentos em gaiolas-viveiro individuais o número de bolos defecados após administração da droga ou placebo foi registrado para cada animal a cada 3 min. durante um período de pelo menos 30 min. Nos experimentos do campo-aberto cada animal foi exposto à situação de teste por um período de 3 min., a intervalo pós-injeção que variavam entre 5 e 30 min. Mediu-se o número de bolos fecais eliminados no período de exposição ao campo-aberto e no período compreendido entre a injeção e a exposição. As seguintes drogas foram utilizadas: mescalina, 1-trans-⁸ e ⁹-tetrahidrocannabinol, LSD-25, amfetamina, clorpromazina, elefenina e apomorfina.

Foi observado que: 1) os resultados obtidos no campo-aberto são criticamente afetados pelo intervalo pós-injeção e refletem em geral o curso da defecação no ambiente familiar da gaiola-casa, e 2) a defecação no campo-aberto é inversamente proporcional à defecação durante o intervalo entre injeção e exposição. Sugere-se diante desses resultados cautela na interpretação do caráter "emocional" da defecação após administração de drogas.

* Professor Colaborador no Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

9,30 horas

EFEITOS DA CIPROHEPTADINA SOBRE O COMPORTAMENTO DE AUTOESTIMAÇÃO E INTERAÇÃO COM A ANFETAMINA

Gomes da Silveira, N., F. de Groeff, F.G. - Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP*

animal

Dados experimentais, relatados na literatura, demonstram que tanto a anfetamina como a p-clorofenilalanina (PCPA) exercem efeitos facilitatórios sobre o comportamento de autoestimação (AE). Um modelo explicativo destes efeitos propõe a existência de dois sistemas centrais, mutuamente inibitórios, que mediarão o comportamento. O sistema liberador ("go system") seria noradrenérgico e o sistema frenador ("stop system"), seria parcialmente serotoninérgico. O presente trabalho tem por objetivo o estudo das interações entre ambos os sistemas através da análise dos efeitos de drogas que agem seletivamente sobre cada sistema assim como dos efeitos do tratamento combinado de drogas.

Ratos albinos são implantados com eletrodos de aço inoxidável, a nível do hipotálamo lateral, pelo método estereotáxico. Após a recuperação da cirurgia são treinados a pressionar uma barra para se autoestimularem, num esquema de reforço contínuo (GRF). O estímulo intracraniano consiste num "train" de pares de pulsos bifásicos e intensidade variável. Após a aquisição do comportamento os animais são submetidos a sessões experimentais a intervalos de 3 a 4 dias. Cada sessão é dividida em duas fases: na 1ª são determinados o nível operante e a frequência de AE controle. Na 2ª são verificados o efeito de drogas (na presente fase, da anfetamina e da ciproheptadina) ou do tratamento combinado de ambas as drogas e o nível operante sob o efeito de drogas. As drogas são administradas por via intraperitoneal, diluídas em salina e em diferentes doses, obtendo-se assim curvas dose-efeito.

Foram observados efeitos de facilitação para a anfetamina e para a ciproheptadina. O tratamento combinado de uma dose de ciproheptadina com várias doses de anfetamina determinou uma potencialização dos efeitos desta última. Os resultados obtidos apoiam a hipótese de que um sistema serotoninérgico inibitório atua sobre o sistema noradrenérgico, modulando os efeitos de auto-estimulação

no MFB (feixe medial do cérebro anterior).

* Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

10,00 horas - Intervalo

10,20 horas

TEORIAS CONCORRENTES EM PSICOLOGIA: UM CASO PARTICULAR

Faria Gabbi, O.J. - Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

No presente estágio da Psicologia são muitos os modelos teóricos que existem. As divergências entre eles são radicais e envolvem fundamentalmente a aceitação de pressupostos filosóficos diferentes. Dentro deste quadro, procura-se em uma primeira aproximação ao problema, verificar se haveria a possibilidade de uma escolha racional entre duas teorias concorrentes dentro de um campo de aplicação restrito. Para tanto, foram consideradas as teorias de Skinner e de Bolles (1972).

Estas teorias são comparadas mediante um modelo teórico esboçado por Lacey (1971). Segundo este, deve-se considerar duas teorias, tais que uma implique na recusa da outra. Será considerada como preferível, aquela teoria que preencha as seguintes condições:

- a. explique dentro do domínio considerado, um maior conjunto de dados.
- b. explique por que a outra teoria, ora se aplica ao domínio, ora não se aplica.

Estas condições são examinadas, considerando-se as teorias em questão.

Conclui-se que se não há nenhuma razão para a escolha de Bolles, a preferência pela teoria de Skinner também é problemática. A razão principal está na dificuldade desta teoria de explicar adequadamente uma série crescente de dados que se acumulam a medida que a pesquisa nesta área prossegue.

10,50 horas

UMA REVISÃO SOBRE OS MÉTODOS NA ÁREA DO HUMOR

Fonseca Motta Fafundes, A.J. - Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo

Salientando-se não haver consenso relativamente ao que seja humor, procurou-se caracterizá-lo como uma área de pesquisa em psicologia. Os títulos que se pode levantar sobre o assunto totalizavam 460 até 1972, tendo início em 1897 o período de busca, quando surgiu o que tem sido apontado como o primeiro trabalho sobre humor.

Para melhor caracterizar a área do humor, procurou-se indicar que assuntos mais costumeiramente tem sido abordados em trabalhos empíricos, sobressaindo-se entre eles a apreciação dos sujeitos quanto a estímulos humorísticos, bem como o riso. Uma ampla variedade de eventos tem sido estudada, desde variáveis dos estímulos, do organismo a variáveis das respostas. Dentre os procedimentos empregados, parece ser dos mais comuns o de se apresentar ao sujeito estímulos ditos humorísticos e pedir-lhe sua apreciação, segundo alguma escala específica e, muitas das vezes, correlacionar-se tal apreciação com outras variáveis escolhidas. Finalizando-se a caracterização da área do humor, sumarizou-se os tipos de sujeitos mais empregados.

Realçando-se o valor relativo dos métodos em ciência, bem como critérios usuais para a sua escolha, classificou-se os métodos em descritivos (observacionais, correlacionais e clínicos) e experimentais que representam, respectivamente, 30% e 15% dos trabalhos da área. Em contraposição com tais trabalhos empíricos, 33% dos estudos são do tipo teórico. Para as obras restantes que perfazem 22% do total, não foi possível encontrar, ainda que indiretamente, referência ao método por eles empregado. São dados exemplos dos diferentes métodos utilizados na área.

11,20 horas

ALGUNS COMPONENTES DA RESPOSTA DE SORRIR

Fonseca Motta Fagundes, A.J.* - Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo **

estudo de comportamento

O objetivo da presente pesquisa é verificar alguns dos possíveis componentes da resposta de sorrir.

Serviram voluntariamente como sujeitos 5 rapazes e 5 moças de 18 a 22 anos de idade (média: 20) que cursavam o 1º semestre do ciclo básico de uma mesma faculdade da cidade de São Paulo. Três outros sujeitos foram usados com vista à obtenção de dados para treino dos observadores.

Utilizou-se um conjunto de video-tapes para registro de imagem e som; um projetor de slides com comando à distância e uma tela para a projeção dos estímulos, bem como um painel luminoso para sinalizar a mudança dos slides (ou clarões). A câmara de televisão e o microfone ostentavam fiação falsa, cujas terminações dotadas de plugues ficavam soltas pelo chão. A principal fonte de luz era natural. numa sala adjacente à do sujeito, o observador, através de uma abertura, oculta ao sujeito, podia ver as projeções na tela e, mediante um monitor de video, acompanhar o desempenho do sujeito.

Serviram como estímulos textos publicados como sendo vindas em revistas nacionais ditas humorísticas. Juizes independentes classificaram os textos como bons, regulares e fracos. Entre os bons e regulares foram selecionados 180 textos dos quais se fez slides. Os slides foram inseridos no carroussel de forma que entre um texto e outro houvesse encaixes sem slides (em média 3), de forma a ocorrer clarões, a fim de se dar tempo para a dissipação das respostas antes de outro texto.

A tarefa fora apresentada como sendo um estudo a respeito de leitura, estando-se interessado em pesquisar pressão arterial x leitura, sendo que todos os textos seriam piadas. As instruções escritas indicavam como lidar com o comando de slides; informavam que duas sessões individuais estavam previstas, mas que a qualquer momento poderiam ser interrompidas para sempre ou para serem continuadas em outro dia; informavam, igualmente, que antes e depois das sessões ser-lhes-ia medida a pressão arterial. Feita uma demonstração do funcionamento do comando de slides pelo observador e depois pelo sujeito, ele respondia a um questionário sobre identificação pessoal e residência, existência de alguma enfermidade visual e costume de se ler, bem como era-lhe medido o peso e a altura.

As fitas gravadas totalizam cerca de 10 horas de reprodução. As gravações ostentam ao centro e em close a cabeça toda de cada sujeito, individualmente, e, a um canto, o painel luminoso. Ouve-se de vez em quando cliques concomitantes com o acender de uma das lâmpadas que indicam quando o sujeito está a prosseguir ou a retroceder slides (ou clarões).

Findas as sessões, as fitas foram dubladas, de forma a se indicar nelas o número do texto que estava sendo visto pelo sujeito. Com base nas fitas gravadas, levantaram-se categorias (26) e subcategorias (14) classificadas como mutuamente exclusivas ou concomitantes.

A pesquisa se encontra em andamento. Presentemente

3 observadores estão sendo treinados para registrar a frequência, o momento da ocorrência (slide ou clarão) e a sequência das categorias e subcategorias levantadas.

* Esta pesquisa está sendo conduzida sob a orientação da Dra. Carolina Martuscelli Bori, para a obtenção do título de Mestre.

** Agradeço à SUPERO-Faculdades Objetivo, cuja colaboração tornou possível a realização da presente pesquisa.

11,50 horas - Discussão

I N T E R V A L O

30/10/74 - QUARTA-FEIRA - TARDE

AVISO: Estão abertas as inscrições na Secretaria para a mesa redonda sobre: "Ética e Problemas no Exercício Profissional". (Somente Profissionais e alunos do 5º ano).

14,00 horas

MESA REDONDA - PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Presidente - Dr. Luiz de Oliveira

OBJETIVO GERAL - Atualização do Relatório enviado pelo Primeiro Grupo de Trabalho ao Conselho Nacional de Pesquisas, em janeiro de 1974.

TEMA: 1- Abertura dos Trabalhos

2- Apresentação do Relatório do Grupo de Trabalho

3- Exposição da estrutura e principais dados sobre os cursos de Pós-graduação em funcionamento:

a) Instituto de Seleção e Orientação Profissional

(Isop - Rio de Janeiro)

b) Pontifícia Universidade Católica de Campinas

c) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

d) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

e) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

f) Universidade Federal do Rio Grande do Sul

g) Universidade Gama Filho - Rio de Janeiro

h) Universidade de São Paulo (USP)

- 4- Sumário das exposições pelo Relator da mesa redonda
- 5- Debates
- 6- Elaboração de um documento a ser enviado aos órgãos de supervisão da Pós-graduação

OBSERVAÇÕES: Foram convidados para a Mesa Redonda:

- 1- Dra. Maria Amélia Matos, para a função de Relatora da Mesa Redonda;
- 2- Dr. Franco Lo Presti Seminerio, Diretor do ISOP;
- 3- Representante da Comissão de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas;
- 4- Dr. Aroldo Rodrigues, Diretor do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro;
- 5- Dr. Luiz Paschoali, Presidente da Comissão de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;
- 6- Dr. Joel Martins, Presidente da Comissão de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo;
- 7- Dra. Juracy C. Marques, Presidente da Comissão de Pós-graduação em Psicologia Educacional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- 8- Dr. Antonio Gomes Pena, Presidente da Comissão de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Gama Filho;
- 9- Dra. Carolina Martuscelli Bori, Presidente da Comissão de Pós-graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo.

A direção da mesa usará o critério de 15 minutos para cada representante de cursos de pós-graduação, após isto, será organizado o sumário das exposições e debates.

O relatório será elaborado em horário escolhido pelos participantes da Mesa Redonda.

30/10/74 - QUARTA-FEIRA - NOITE

20,00 horas - CONFERÊNCIA

Convidado - Dr. Darcy Closs, - Presidente da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

31/10/74 - QUINTA-FEIRA - MANHÃ

Presidente da Mesa - Dr. João Claudio Todorov

Vice-Presidente - Dr. Isaias Pessotti

8,00 horas

"ESQUIVA LIVRE SINALIZADA: EFETOS DA FREQUÊNCIA PROGRAMADA DE CHOQUES EM PRESENÇA DO SINAL".

Ferreira de Carvalho, L.C.* e Todorov J.C. - Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília.

Nota Prévia: Seis ratos ingênuos foram divididos em três grupos, cada grupo submetido a um procedimento de esquiva livre sinalizada; Grupo Ulrich: o intervalo entre dois choques consecutivos na ausência de respostas (intervalo S_2S_2) é menor que o intervalo entre uma resposta a um choque (intervalo RS_2), sómente uma resposta termina o sinal; Grupo Sidman: o intervalo S_2S_2 é igual ao intervalo RS_2 e uma resposta ou um choque (o que ocorre primeiro) termina o sinal; Grupo Misto: o intervalo S_2S_2 é igual ao intervalo RS_2 , mas apenas uma resposta termina o sinal.

Com o intervalo $RS_2=25$ " e o intervalo $S_2S_2=5$ " mantidos fixos durante todo o experimento, os 3 grupos foram submetidos a 3 valores do intervalo resposta-sinal, intervalo RS_1 : 5, 10 e 20 segundos,

Os dados aqui apresentados são preliminares (serão utilizados mais 4 sujeitos em cada grupo). O tempo em que o sujeito permanece na presença do sinal é menor para o grupo que tem a maior frequência programada de choques em presença do sinal, ou seja, para o Grupo Ulrich, não havendo diferença entre os outros dois grupos. Outras medidas tomadas não mostraram diferenças entre os sujeitos.

* Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas

8,30 horas

VARIAÇÕES NAS CONSEQUÊNCIAS DA RESPOSTA EM ESQUIVA SINALIZADA*

Todorov, J.C. e Menandro, P.M.R. - Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília.

Dois ratos com 10 meses de experiência no esquema de esquiva não sinalizada foram utilizados em um procedimento de esquiva onde se liberava um choque a cada ciclo de 15". Uma única resposta de pressão à barra de um ciclo era suficiente para evitar o

choque programado para o fim deste ciclo. Respostas adicionais dentro de um mesmo ciclo não tinham efeito sobre o esquema de apresentação de choque. Na metade do ciclo (7.5") aparecia um sinal (uma luz vermelha). Foram planejadas quatro condições experimentais e em cada uma delas a resposta tinha efeito diferente sobre o sinal.

Condição I - resposta sem efeito sobre o sinal.

Condição II - resposta termina o sinal mas não o evita.

Condição III - resposta termina e evita o sinal.

Condição IV - resposta evita o sinal mas não o termina.

Em dias alternados os sujeitos trabalhavam com sinal presente e sem sinal na situação.

Foram registrados os totais de respostas, o nº de respostas emitidas em presença do sinal, o nº de choques recebidos e a distribuição de intervalos entre respostas, definidos em classes de 1.5".

Os dados obtidos não fortalecem claramente nenhuma das teorias vigentes a respeito da função do sinal em procedimento de esquivas e ao mesmo tempo sugerem um novo experimento, com pequenas alterações de controle e com registro de novos dados.

* Nota Preliminar

9,00 horas

REFORÇAMENTO DE UM OPERANTE COMPLEXO EM RAZÃO- FIXA:

II. DISTRIBUIÇÃO DE RESPOSTAS POR COMPONENTES.

Jardin Almeida, J.B. Lima Borges, K. Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais- Belo Horizonte.

O presente trabalho procurou verificar o padrão sequencial de mudanças na distribuição de respostas emitidas por ratos albinos em sucessivos componentes de um esquema de segunda-ordem, no qual unidades de esquema de reforçamento diferencial de baixa frequência (DRL) eram reforçadas em razão-fixa (FR). Cada unidade consistiu de um intervalo mínimo de 3 segundos entre respostas. Respostas que terminavam intervalos menores que 3 segundos (respostas incorretas) meramente iniciavam um novo intervalo. Respostas que excediam este valor (respostas corretas) não eram sinalizadas por qualquer estímulo exerceptivo, sendo reforçadas apenas quando completavam um número fixo (FRs 4 e 5) de unidades. Como estímulo reforçador utilizou-se uma solução de leite açucarado, liberada automaticamente numa câmara de condicionamento Grason Stadler. Equipamento eletro-mecânico foi utilizado para o controle de contingên-

animal

cias e registro dos dados.

Os resultados mostram que os índices de eficiência dos animais diminuem consistentemente à medida em que estes progridem na razão-fixa. O padrão de mudanças na distribuição de respostas por componente tende a ser positivamente acelerado, caracterizando - se por mostrar uma baixa frequência de respostas no primeiro componente após o reforçamento, seguida por um aumento gradual na frequência de respostas incorretas ao longo dos componentes seguintes do esquema. Estes resultados são analisados em termos da distribuição de frequência de "jorros" de respostas por componentes:

9,30 horas

PUNIÇÃO DE RESPOSTAS ERRADAS EM UMA DISCRIMINAÇÃO SIMPLES EM ABELHAS
Lé Sénéchal*, A.M.L. e Pessotti I. Departamento de Neuropsiquiatria
e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP**

animal

Quarenta abelhas em dois grupos de vinte foram treina-
das individualmente a pressionar uma de duas alavancas seletivamen-
te, com reforçamento às respostas emitidas diante de luz acesa (SD)
e extinção das emitidas em presença de luz apagada (S delta).

Os estímulos discriminativos eram apresentados simul-
taneamente em dois aparelhos, cada um contendo uma alavanca (operan-
dum).

As abelhas de um dos grupos recebiam um ligeiro choque
elétrico nas patas quando emitiam respostas diante de S delta.

Foram permitidas 100 escolhas a cada sujeito,

Os resultados mostram que a punição das R delta favo-
rece ligeiramente a aquisição da discriminação medida em porcenta-
gem de acertos sobre o total de tentativas mas tal aquisição requer
um tempo ligeiramente maior que o gasto pelos sujeitos do grupo não
punido.

Entretanto essa medida temporal, tratando-se de abelhas
é contaminada por condições estranhas ao controle experimental.

* Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

** Trabalho realizado no Laboratório de Pesquisas sobre Comportamen-
to operante e Drogas, do Departamento de Psicologia e Educação da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

10,00 horas

INTERVALO

10,20 horas

DISCRIMINAÇÃO CONDICIONAL RETARDADA EM RATOS BRANCOS

Pessotti, I* e Longoni Forges, A.**

animal

Vinte e seis ratos brancos foram submetidos a diferentes procedimentos experimentais destinados a estabelecer uma técnica para estudo da memória a curto prazo. Três programas foram testados e consistiram basicamente em treino de discriminação condicional com estímulos de referência antecipados em sequência casual.

Entre os estímulos de referência e os de escolha (luzes sobre as barras) ocorria um período de time out, gradativamente aumentado.

Os resultados mais importantes são porcentagens de acertos por sessão, com diferentes tempos de antecipação dos estímulos de referência. Os critérios de passagem de uma fase à outra, ao longo do treinamento, e a sequência das fases têm importância básica na aquisição da discriminação condicional retardada. A duração do time out, segundo os resultados, não pode ser mantida em níveis altos por longos períodos: o programa deve permitir regressões sucessivas a durações menores.

* Professor Assistente - Doutor no Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

** Instituto Carlo Erba, Milano, Itália.

10,50 horas

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE CRITÉRIOS DE ESTABILIDADE DE COMPORTAMENTO OPERANTE

Gorayeb, R. Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.

Um critério de estabilidade é uma medida de comportamento numa situação experimental, que o experimentador escolhe como indicativo de que seus dados variam dentro de uma faixa previamente definida como permitida.

Parece ser um problema comum a pesquisadores, a definição de um critério de estabilidade correto e apropriado a seu procedimento experimental.

Esta apresentação se propõe a analisar os aspectos do procedimento experimental e medidas de comportamento que devem ser levados em conta, ao se definir um critério de estabilidade, e, que xi.

gor pôde ser atribuído à esse critério, em função destas escolhas. Entre estes aspectos estão: 1) o número de sessões experimentais analisadas para a aplicação do critério; 2) a porcentagem de variação permitida; 3) comparação dos dias analisados (entre si ou com sua média) 4) comparação de dias isolados ou blocos de dias; 5) número de dias necessários antes de efetuar a análise.

A exposição é voltada para dados colhidos em Análise Experimental do Comportamento, e, como a maioria dos critérios de estabilidade, é aplicável principalmente à medidas de frequência do comportamento. Critérios de estabilidade que envolvam medidas temporais (por ex: tempo entre respostas e latência) serão também discutidos. Experimentos que analisam a interação droga-comportamento também serão citados.

Alguns dados de experimentos do autor e de outros autores serão apresentados, da mesma forma que dados hipotéticos, como exemplos de aplicações de diferentes critérios de estabilidade.

11,20 horas

CONDICIONAMENTO DA RESPOSTA DE BICAR UMA CHAVE, EM CANÁRIO

Morato de Carvalho, S.*

animal

No presente trabalho foi utilizado um canário, fêmea, do tipo popularmente designado como "canário belga", com aproximadamente 1 ano de idade. O sujeito era mantido em gaiola-viveiro individual, mesmo durante as sessões experimentais de 60 minutos, com água e alpiste à vontade, sendo que durante as sessões o comedouro com alpiste era retirado.

O equipamento, construído para o experimento, consistia de uma chapa de alumínio vertical (23 cm x 28 cm), fixado em uma armação, à qual a gaiola era acoplada. Da chapa, paralela a um dos poleiros mais baixos, projetavam-se duas chaves, uma em forma de disco com uma inclinação de aproximadamente 45° e outra assemelhando-se a um aro; ambas distavam cerca de 3 cm do poleiro. Entre as duas chaves, a uma altura de 1 cm do poleiro aproximadamente, havia uma ranhura, pela qual inseria-se o comedouro acionado automaticamente. Acima de cada chave havia uma luz que permanecia acesa quando a chave estava em funcionamento (no presente experimento apenas a chave em forma de disco foi usada),

O treinamento constou de três etapas: (1) período em que o sujeito obtinha alimento livremente apenas no comedouro do aparelho, (2) treinamento propriamente dito, no qual um grão de alpiste era fixado no disco e esperava-se que o sujeito acionasse o co-

medouro e (3) remoção do grão de alpiste após 100 respostas de picar o disco. O reforço consistia no acesso ao alimento, uma mistura vitaminada especial para canários, marca "Super Vitamina Canarinho", durante cinco segundos.

São comentadas as três últimas sessões reforçadas em CER e uma sessão posterior de extinção, bem como algumas vantagens do uso de tal sujeito e equipamento.

Trabalho realizado no Laboratório de Pesquisas sobre Comportamento Operante e Drogas - Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

11,50 horas

DISCUSSÃO

INTERVALO

31/10/74 - QUINTA-FEIRA - TARDE

Presidente da Mesa - Dr. Lino de Macedo

Vice-Presidente - Dr. Reinier J.A. Rozestratan

14,00 horas

INFLUÊNCIA DE ESTÍMULOS COLORIDOS NOS TRAÇADOS DE INTRA EXTRATENSÃO DO PSICO-DIAGNÓSTICO MIOCINÉTICO DE MIRA Y LOPES

Jacquemin, A.J. e Carvalho de Macedo, H. - Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

A revisão da literatura sobre os estímulos coloridos mostra que a cor parece ligada a características de personalidade, seja pela sua utilização para se obter informações sobre o tipo de vivência do sujeito através dos testes projetivos, seja pela frequência de certos tipos de personalidade por determinadas cores. Outros estudos tem também demonstrado a existência de relação entre "cor e atividade motora".

Considerando-se estes dados o presente trabalho propõe-se verificar a interferência de anteparos coloridos (vermelho e azul) na realização dos traçados de intratensão e extratensão do Psicodiagnóstico Miocinético de Mira Y Lopes, em sujeitos com características de personalidade extrovertida e introvertida.

26 sujeitos (6 introvertidos, 10 extrovertidos e 10 intermediários) selecionados através do 16 PF de Cattell foram submetidos ao PMK em 3 situações experimentais utilizando anteparos cinza, vermelho e azul.

Somente os traçados de intra e extratensão dos 3 grupos foram analisados e comparados em função das realizações nas 3 situações experimentais.

Os resultados mostraram existir diferenças significativas no grupo dos introvertidos, verificando-se uma alteração no sentido extrovertido destes sujeitos quando submetidos ao teste com anteparo vermelho.

Os outros grupos (extrovertidos e intermediários) não sofreram interferência da estimulação colorida nos seus traçados no PMK.

Estes resultados nos levam a pensar que as características de Personalidade do grupo introvertido são mais estimulados e influenciados pelos fatores ambientais do que as do grupo extrovertido.

14,30 horas

GEOMETRIA RIEMANNIANA DO ESPAÇO VISUAL, MODELO DE LUNENBURG RETESTADO DO EM CAMPO ABERTO

Battro, A.M.; Rozenstraten, R.J.M.; Santos Andrade, A. e Silva, J.A
-Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

No presente experimento utilizamos 22 sujeitos universitários, e constou das seguintes etapas:

1ª- Linhas Paralelas com linha central: sendo fixada as duas esta-
cas A_1 e B_1 , mantendo entre elas uma distância que era proporcional
a distância em que elas estavam do sujeito e sendo esta proporção
igual a (5 x 1), (10 x 2), (15 x 3), (20 x 4), (25 x 5), (30 x 6),
(60 x 12), (120 x 24). Estas estacas A_1 e B_1 são denominadas esta-
cas padrão.

Um experimentador começa a se aproximar com uma es-
taca pelo lado esquerdo, entre o sujeito e a estaca padrão e para
quando o sujeito percebe que a mesma está paralela a estaca padrão
 A_1 e a fixa. Depois o mesmo experimentador movimenta outra estaca
pelo lado direito e para quando o sujeito percebe que a estaca está
paralela a B_1 . Assim pede-se ao sujeito que coloque as estacas em
duas fileiras a partir de A_1 e B_1 de modo que as mesmas formam duas
linhas retas e paralelas.

2ª- Equidistancia com linha central: neste caso pede-se ao sujeito
que faça o ajustamento das estacas ao mesmo tempo, de forma que a
separação entre elas seja igual a separação das estacas A_1 e B_1 . As-
sim dois experimentadores vão simultaneamente com uma estaca cada,
um pelo lado direito, outro pelo lado esquerdo, aqui as estacas fi-
cam fixadas.

3ª- Equidistância sem linha central: este experimento é semelhante
ao anterior, difere somente em que não há linha central e as esta-
cas após serem fixadas e medida as distâncias de separação entre
elas são imediatamente retiradas iniciando-se outro par. Assim si-
multaneamente visíveis ficam apenas as estacas padrão e o par de es-
tacas que está sendo ajustado. Tanto no 2ª como no 3ª experimento
os sujeitos são submetidos as diferentes distâncias citadas no 1ª
experimento.

Os resultados demonstram que: a) o modelo de Lunen-
burg é inapropriado para percepções em campo aberto; b) os resulta-
dos contradizem a hipótese comumente aceita de que o espaço visual
possui uma curvatura constante e negativa; c) o espaço visual pos -

sui uma curvatura que é dependente da escala.

Ao contrário dos resultados obtidos por Lunenburg em laboratório, que a geometria que melhor explica o espaço visual é a de Lobatchevsky, encontramos que em campo aberto a que melhor se aplica é a de Riemann.

15,00 horas - **SESSÃO PARALELA**
MESA REDONDA SOBRE ÉTICA E PROBLEMAS DO EXERCÍCIO PROFISSIONAL
Presidente - Dra. Terezinha Moreira Leite

Para esta Mesa Redonda serão aceitos somente os participantes profissionais ou alunos do último ano do curso de Psicólogo (5º ano).

Os interessados devem fazer a inscrição na Secretaria, durante a Quarta-Feira.

CONVIDADOS: Dr. Efraim Bocalandro, Presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo;

Dra. Betty Katzenstein, Psicóloga

Dr. Suzy Combraia, Presidente do Sindicato do Psicólogo.

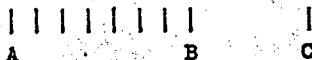
15,00 horas

DETERMINAÇÃO DA ILUSÃO MÁXIMA DE OPPEL-KUNDT EM LABORATÓRIO E EM CAMPO ABERTO

Rozenstraten, R.J.A.; Santos Andrade, A. - Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

A avaliação da Ilusão Máxima em laboratório foi estudada de duas maneiras:

1ª) Com cartões: Cartões de cartolina branca, contendo linhas verticais dispostas paralelamente preenchendo um espaço (AB) de 42 mm. O número de linhas em AB variavam de 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 15, 22, 43. Os cartões são apresentados a 50 cm do sujeito, segundo o método dos estímulos constantes. A tarefa do sujeito consistia em comparar a distância CB com a distância AB, como abaixo:



Foram utilizados 40 sujeitos universitários: 20 masculinos e 20 femininos.

2º) Com cadernos: Foram utilizados cadernos com 11 folhas brancas, contendo linhas que variavam de 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 15, 22, 43 como no 1º experimento. O método utilizado foi o do Erro Médio, sendo os cadernos apresentados a 50 cm do sujeito. A tarefa do sujeito consistia em marcar a linha C à direita de AB, que correspondesse a distância A-B como na figura anterior. Foram utilizados 40 sujeitos 20 masculinos e 20 femininos.

3º) Em Campo Aberto: eram apresentadas estacas em lugar das linhas entre o espaço AB, igual a 320 cm. O número de estacas variava de 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 15, 20, 30, 40. A uma distância fixa de 32 m. Foi utilizado um suporte de a manter fixa a cabeça do sujeito. O experimentador movimentava uma outra estaca a direita do AB que corrigia a linha dos experimentos de laboratório. Cabia ao sujeito ordenar que o experimentador parasse quando a distância BC parecesse-lhe igual a AB. Foram utilizados 32 sujeitos universitários: 16 masculinos e 16 femininos.

Os resultados obtidos no 1º experimento mostraram que a ilusão é máxima quando as linhas são em número de 15. Não obstante ter havido uma pequena diferença, não significativa, entre os sujeitos do sexo masculino e feminino.

Os resultados do 2º experimento também mostram que a ilusão é máxima quando as linhas são em número de 15. Muito embora, a porcentagem de erros parece ser menor para o sexo feminino.

O terceiro experimento mostrou ainda que a ilusão é máxima quando as estacas são em número de 15.

Assim os três experimentos levam-nos a concluir que a ilusão de Oppel-Kundt é máxima quer em laboratório ou em Campo Aberto quando o número de linhas (ou estacas) é igual a 15.

15,30 horas

A AVALIAÇÃO DE ÂNGULOS IGUAIS E ÂNGULOS SUBJETIVAMENTE EQUIVALENTES EM CAMPO ABERTO

Rosanstraten, R.J.A. e Silva, J.A. - Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

A avaliação de ângulos de 15° em Campo Aberto foi estudada de duas maneiras:

1ª) Um angulo móvel de bissetriz proporcional a distância e de lados com alturas proporcionais às distâncias para garantir boa visibilidade foi colocado às distâncias de 2, 4, 8, 16, 32, 64, e 128 metros. Os lados dos angulos são móveis e duas vezes são movimentados de 0° para fora e duas vezes a partir de mais ou menos 90° para dentro, alternadamente, usando o método dos limites. A linha de visão é mais ou menos fixa, evitando movimentos de cabeça. Os sujeitos comparam esses angulos com o angulo padrão de 15° a dois metros de distância, procurando igualar o mais possível o angulo móvel ao angulo padrão. Foram sujeitos 16 universitários: 8 masculinos e 8 femininos.

2ª) No outro método um angulo fixo de 15° foi colocado nas distâncias de 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128 metros e a tarefa dos sujeitos consistia em avaliar este angulo, também com bissetriz de lados proporcionais aumentados. As avaliações foram feitas através de quatro desenhos independentes. As distâncias foram apresentadas na seguinte ordem: 16, 32, 2, 8, 64, 4, 128 metros. A linha de visão foi mantida mais ou menos fixa evitando movimentos laterais, mantendo o queixo num suporte. Foram sujeitos 20 universitários: 10 masculinos e 10 femininos.

Os resultados do primeiro experimento mostram uma pequena superestimação as distâncias de 4 metros (2ª) e em seguida uma subestimação sempre maior até chegar a 4ª na distância de 128 metros. A maior diminuição se deu nas distâncias até 32 metros, na qual o angulo de 15° foi avaliado como tendo $7,5^\circ$ portanto uma subestimação de 50%. Mesmo que a subestimação se torna progressivamente maior nas distâncias de 64 e 128 metros ela proporcionalmente muito menos do que a subestimação nos primeiros 32 metros. O valor avaliado do angulo a 128 m é de 4° . Observou-se uma ligeira diferença na avaliação do grupo masculino e feminino porém não se mostra significativa.

Os resultados da avaliação de um angulo de 15° as diversas distâncias, mostram uma progressão com aumento de mais de 100% , indo de 30° até 65° na média, nos primeiros 32 m. Depois os resultados médios mostram um plateau em torno de 65° apesar do aumento considerável nas distâncias. Quer dizer apesar da distância quadruplicar não há praticamente mais modificação.

Os dois experimentos mostram que a diminuição e o aumento na avaliação correspondendo a dois aspectos da mesma realidade perceptiva visual não segue uma função linear, mas que as maiores modificações se verificam em distância até 32 m. Este fato des-

conhecido até agora, permite talvez formular uma hipótese de uma certa duplicidade ou mudança de escala na interpretação de configurações as diversas distâncias.

16,00 às 16,20 horas - Intervalo

16,20 horas

FRACCIONAMENTO DE DISTÂNCIAS EM CAMPO ABERTO

Bozestraten, R.J.A. - Departamento de Psicologia e Educação, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

J. Purdy e E.J. Gibson (1955) realizaram bisseções em extensões de 46, 137 e 274 m e trisseções numa extensão de 68 m, variando a distância a partir do sujeito. Verificaram que os erros aumentam em seu valor absoluto com o tamanho da extensão, mas que são constantes no seu valor relativo.

O presente experimento em bisseções e trisseções pesquisou sistematicamente distâncias de 2 a 128m. Procuramos demonstrar como pontos de referência diversos podem alterar a estimação real do espaço. O experimento foi realizado em campo de polo nas distâncias de 2, 4, 8, 16, 32, 64 e 128 m a partir do sujeito. A bisseção foi realizada com 44 universitárias e a trisseção com 8. Colocava-se uma vareta fixa horizontalmente a determinada distância do sujeito, avançando ou afastando outra vareta horizontalmente até que o sujeito julgava que a distância estava dividida em duas partes iguais (bisseção) ou em 1/3 a partir do sujeito ou 2/3 a partir da vareta fixa (trisseção). A distância ascendente ou proximal é aquela em que a vareta é movida a partir do sujeito, a distância descendente ou distal é quando ela é movida a partir da vareta fixa.

Na bisseção a metade proximal é em geral um pouco superestimada até 16m, com excessão de 8m, mas a partir de 32 m até 128 m há uma subestimação com um erro de $\pm 15\%$. A metade distal é em geral subestimada menos em 2m e em 128m. A partir de 32m há uma nítida progressão na diferença entre a avaliação da metade proximal e distal, indo de 11 a 22%.

Na trisseção verificou-se uma subestimação crescente no 1/3 proximal, para todas as distâncias indo de um erro de 4,5% a 2m até um erro de 53,6% a 128m. Ao contrário, a série decedente mostrou uma superestimação na avaliação de 2/3 distal, que nas distâncias de 16, 32 e 64m se estabiliza em $\pm 9\%$, e uma pequena subestimação de 1% na distância de 128m.

Um quadro comparativo no qual se reduzem todas as distâncias ao mesmo tamanho, mostrou a crescente subestimação da

distância próxima em relação ao $1/3$ objetivo e uma superestimação da distância de $2/3$ a partir do objeto que continua provavelmente até 100m. Em dependência de verificações posteriores sugere-se uma aplicação destes dados na explicação de acidentes na ultrapassagem de veículos, nos quais a distância até o carro a ser ultrapassado pode facilmente ser subestimado, superestimando-se a distância até o carro que vem em sentido contrário, quando este último é tomado como ponto de referência.

31/10/74 - QUINTA-FEIRA - NOITE

20,00 horas - Conferência

Convidado - Dr. Manoel Frota Moreira, do Conselho Nacional de Pesquisas.

Após a conferência, encerramento da IVª Reunião e festa de conagraçamento.